



O político negro Carlos Santos e os desafios da vida pública e privada

The black political Carlos Santos and the challenges of the public and private life

Arilson dos Santos Gomes

Professor de História da FAPA-RS, Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do RS, Membro do AIC – PPGH – PUCRS, Coordenador do GT Negros – ANPUH-RS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo:

Este artigo intenta visibilizar, por intermédio de fontes impressas, a análise de discursos e de documentos de foro íntimo, a trajetória de Carlos Santos (1904-1989) na conjuntura política republicana do Estado do Rio Grande do Sul dos anos 1930 ao final da década de 1960. Evidencia, a partir de sua nomeação como deputado classista até sua assunção como governador, possíveis situações cotidianas vivenciadas pelo político, que se dedicou ativamente à luta pelo ideal de ascensão social de identidade negra e da boa política. Em consonância com essa situação, pretende-se investigar a importância que Carlos Santos dedicava a sua família em meio aos desafios impostos por suas atividades públicas, concluindo-se que ele conciliou a política e os laços familiares, entre os desafios da vida pública e privada.

Palavras-chave: Carlos Santos. Identidade Negra. Política. Laços Familiares.

Abstract:

This article attempts visualize, through printed sources, analysis of speeches and documents of an intimate, the trajectory of Carlos Santos (1904-1989) in the political republican state of Rio Grande do Sul thirties to late sixties. Showing, from his appointment as deputy classist until his assumption as governor, possible everyday situations experienced by the politician, who devoted himself actively in the struggle for social ideal of black identity and good policy. In line with this, we intend to investigate the importance he devoted to his family through the challenges posed by its public activities. We conclude that Carlos Santos juggled politics and family ties between the challenges of public and private life.

Keywords: Carlos Santos. Black identity. Policy. Family Links.

Introdução

Carlos Santos nasceu em 1904, na cidade litorânea de Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul. Na sua infância, conviveu com as necessidades de afirmação de uma família negra em um contexto pós-abolicionista.¹ Caldeireiro, orador e sindicalista, de 1935 a 1937 assumiu como

¹ Manuel da Conceição Silva Santos, seu avô, natural de Pelotas-RS foi diretor e articulista do Jornal abolicionista *A Voz do Escravo* (1881). Seus pais, Manoel Conceição dos Santos, carpinteiro, e Saturnina Bibiana Silva Santos,

deputado classista, representando os operários de Rio Grande na Assembleia Legislativa do Estado em Porto Alegre. Com a ditadura estadonovista, retornou a sua terra natal. Com o final do Estado Novo, concorreu ao parlamento pelo Partido Social Democrático (PSD), em 1947, ficando na suplência na 39ª legislatura e assumindo a vaga de 1950 até o ano de 1951. O político seria deputado estadual em mais outras três ocasiões consecutivas: junto aos quadros do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) na 40ª legislatura (1959-1963) e do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), duas vezes (1963-1971), 41º e 42º legislaturas.² Em meados de 1970, Carlos Santos foi deputado federal, em Brasília, também por duas legislaturas consecutivas, vinculado novamente ao MDB e ao PMDB (1975-1982). Defendia, entre outras propostas, a questão da pesca - como evidenciaram as fontes examinadas, encerrando o seu mandato e a sua carreira política de cinquenta anos em 1982. Faleceu em Porto Alegre no ano de 1989.

Algumas problemáticas se fazem presentes ao se examinar a vida íntima e pública deste sujeito. Pois, que motivações pessoais ele teria para enfatizar a importância de sua família em seu desempenho público e conseqüente sucesso político? Qual o sentido de Carlos Santos expor, por intermédio de seus discursos e por meio de imagens destacadas em matérias jornalísticas, que circularam na imprensa nacional e porto-alegrense, um vínculo familiar tão significativo? Identificamos essa postura em suas escritas íntimas?

Esses questionamentos se tornam interessantes para a análise, já que no final dos anos 1960, principalmente, muitos políticos aparecem em impressos jornalísticos porto-alegrenses individualmente, sem suas famílias.³ Carlos Santos, ao contrário, ressaltava com frequência seu imo familiar, lembrando-se de seus antepassados, mesmo sem conhecê-los. Essa situação é evidenciada em entrevista concedida no ano de 1967, ao assumir, por eleição de seus pares, a presidência da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul: “Orgulho-me de minha bisavó [...] Felisberta, vendendo cocada puxa, comprou sua Carta de Alforria e foi além: usando o mesmo recurso, libertou um bom número de companheiros da senzala. Lamento não a ter conhecido [...]”.⁴

No intuito de desenvolver-se este artigo, serão utilizadas fontes jornalísticas impressas e correspondências pessoais,⁵ além da utilização de imagens consubstanciadas por fontes orais. Entre

professora de música, mantiveram-se materialmente com seus trabalhos, ambos na Igreja Matriz de São Pedro de Rio Grande, onde prestavam serviços. Essa situação fez a diferença na formação de Carlos Santos, já que, em virtude dos contatos e com os auxílios da fé cristã, obteve um fio condutor moral de suas práticas culturais, políticas e materiais. Carlos Santos, na década de 1950, foi intelectual do jornal negro “A Alvorada de Pelotas”, antes fundou a associação negra como o Marcilio Dias, também em Rio Grande. No Clube Carnavalesco “Braço é Braço” destaca-se pela excelente oratória.

² Inclusive nessa época (1967), enquanto presidente do Legislativo ocupou por duas vezes o cargo de governador do Rio Grande do Sul, por ocasião de viagens do então chefe do executivo Walter Peracchi Barcelos (1907-1986) ao Estado da Guanabara, atual cidade do Rio de Janeiro.

³ As pesquisas tiveram como fontes os impressos que circularam em Porto Alegre de janeiro a março de 1967, em que Carlos Santos tem visibilidade na mídia, período que assumiu a Presidência da Assembléia Legislativa do RS culminando ao posto de governador interino do Estado.

⁴ CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. *Carlos Santos, uma biografia*. Porto Alegre: PUCRS, 1995. p. 12.

⁵ Conforme Ângela de Castro Gomes, a *escrita de si* engloba autobiografias, diários, cartões postais e documentos de caráter íntimo. É um espaço que da crescente destaque à guarda de registros privados e públicos que passam a ser um “teatro da memória”.¹⁴ Em todos os exemplos os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionando com suas próprias vidas. GOMES, Ângela de Castro (Org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.11.

as *escritas de si*, destaca-se uma missiva, escrita por ele de próprio punho, localizada na residência de sua filha, Neiva Santos, na qual consta que Carlos Santos, em 1937, recebeu uma proposta em dinheiro de um sujeito chamado Piozo Rodrigues para renunciar ao cargo de deputado classista, deixando sua vaga à suplência.⁶

Algumas participações de políticos negros na história do RS

Constatou-se, em pesquisas anteriores, que a história da participação de negros na cultura política sul-rio-grandense remonta o início da república, com a formação do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), sob a liderança de Júlio Prates de Castilhos (1860-1903). Esse partido conservou o poder por um longo período no Estado, alicerçado ideologicamente na filosofia positivista. O caráter peculiar da doutrina enlaçada aos ideais de Júlio de Castilhos formou o que muitos pesquisadores denominam ideologia Castilhista.⁷

O PR teve importante destaque no movimento abolicionista.⁸ Esse posicionamento, em grande parte, era adotado pela doutrina da Igreja Positivista, postulava a liberdade humana, condenando sistematicamente a posse de escravos. Embora o PRR tivesse seus ideais embasados na ideologia positivista, a qual era a favor da abolição da escravidão, algumas incoerências pautavam o discurso de suas lideranças - conforme é identificado na carta enviada por Castilhos a uma pessoa de sua confiança, chamada “Chiquinho”, na qual ele relata a negociação de compra e venda de um escravo de sua propriedade.⁹

No entanto, um intelectual negro, respaldado nas funções administrativas, passou a executar importante participação no governo e no partido. Esse homem foi Aurélio Viríssimo de Bittencourt.¹⁰ Nas palavras de Moreira: “no período republicano, a correspondência trocada entre Aurélio e Júlio de Castilhos revela que no dia a dia da vida palaciana Aurélio permanecia a maior parte do tempo na secretaria da presidência, enquanto Castilhos mantinha-se mais afastado em sua chácara”.¹¹

A influência exercida por essa personalidade no cerne do poder rio-grandense era sentida em muitos âmbitos, inclusive no privado. Como demonstrado em suas *escritas de si* redigida em 23 de janeiro de 1899:

⁶ A carta apresenta boa conservação. No entanto, algumas passagens são ilegíveis, tendo que optar-se, algumas vezes, pela interpretação das palavras, construindo sentidos semânticos. Mas acredita-se que grande parte da correspondência tenha sido perfeitamente transcrita para elaboração deste artigo.

⁷ RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. Castilhismo uma filosofia da República – atualidade de doutrina de Julio de Castilhos, no centenário da sua morte. *Julio de Castilhos e o paradoxo republicano*. Porto Alegre: Nova Prova, 2005. p. 31-46. p. 31.

⁸ BAKOS, Margareth Marchiori. Julio de Castilhos e a campanha abolicionista. *Julio de Castilhos e o paradoxo republicano*. Porto Alegre: Nova Prova, 2005. p. 217-228. p. 217.

⁹ BAKOS, 2005, p. 217-228.

¹⁰ Intelectual negro, aqui, é entendido sob a luz do conceito de José Antônio dos Santos, que identifica estes homens como os responsáveis pela circulação das informações através de suas escritas produzidas em periódicos, denominados de imprensa negra, já que era um material produzido por intelectuais negros no final do século XIX, exclusivo para o fortalecimento de sua comunidade.

¹¹ MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. VALANDRO; VARGAS; SANTOS. Percursos biográficos de um burocrata devoto: Aurélio Viríssimo de Bittencourt (1849/1919). *Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – Política e poder nos primeiros anos da República*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. V. 19. p. 21.

Dr. Júlio. – Boa tarde. Não tive hoje o prazer de receber notícias e ordens vossas. Pela manhã não vos escrevi porque nada havia de interessante a registrar. É imperioso dever agradecer ainda uma vez a fidalga gentileza do acolhimento que recebi ontem (sic) de vosso e de sua digníssima família. Guardo grata reminiscência de um dia aprazível, cujas horas decorrem rápidas, sempre entre as finas expansões de amigos, que muito voz prezam e admiram. Obrigado, pois, a todos.¹²

Aurélio Viríssimo Bitencourt faleceu em 1919, deixando considerável patrimônio material (imóveis e heranças) e um espólio de serviços prestados com qualidade e eficiência à política republicana. Seus descendentes fizeram época na sociedade local, reproduzindo como legado, guardadas as devidas proporções, a relevância intelectual negra em outros meios, com ele iniciadas. Seus filhos Aurélio de Bittencourt Júnior, diplomado em direito, e Sérgio Bittencourt, jornalista, foram os fundadores do Jornal negro *O Exemplo*, em 1892, em Porto Alegre.

Outra figura importante desse núcleo familiar foi Dario de Bittencourt (1901-1974), filho de Aurélio de Bittencourt Jr., portanto, neto do velho Aurélio Bittencourt. Em 1920, Dario passou a fazer parte da organização do periódico *O Exemplo*, combatendo o preconceito racial até 1930, quando o jornal fechou suas portas.¹³ Pois, é justamente nesse período que surge na cidade de Rio Grande, no interior do Rio Grande do Sul, o sindicalista Carlos Santos (1904-1989).

A origem da atividade política de Carlos Santos à função de governador

Nascido em 1904, em Rio Grande, já aos 11 anos de idade Carlos começa a trabalhar como aprendiz na *Oficina Dias*, estaleiro naval. Após anos de serviço, ascende na firma e, de 1931 até 1934, passa a atuar como caldeireiro. Entre trabalho e música, surge o orador. Nas palavras de Elvo Clemente: “Trabalho e oratória seriam binômio operante de sua vida. O estudo ficara para as horas de descanso, em que tomava o livro, lia poemas e os declamava [...] a sua vida o levava ao trabalho e a sua função social à defesa da classe trabalhadora [...]”.¹⁴

Em matéria especial localizada na Revista do Globo, questionado sobre quais os motivos que o fizeram ingressar na política, Carlos Santos foi taxativo: “Procurei na política não um fim, mas o que entendia ser um meio de alargar o campo da luta em prol dos injustiçados e deserdados da sorte”.¹⁵ Mais adiante, na mesma página, identificaram-se seus ideais: a defesa de seu grupo social e de sua classe - conforme segue: “Quanto mais subo e me projeto, mais ligado fico às minhas origens. É como se eu subisse uma escadaria apoiado no braço esquerdo, deixando o direito para chamar os outros! Afinal de contas se eu caísse cairia comigo todo um grupo social que represento como homem de cor e como operário”.¹⁶

Retornando à década de 1930, tornou-se líder sindical e, após as “agitações” daquele ano, foi convidado por Lindolfo Collor (1890-1942), titular do recém criado *Ministério do Trabalho*, para exercer a função de fiscal auxiliar, cargo que recusou devido à vontade de continuar atuando

¹² MOREIRA, SANTOS, VALANDRO, VARGAS, 2009, p. 21.

¹³ SANTOS, 2009, p. 65.

¹⁴ CLEMENTE, BARBOSA, 1994, p. 13.

¹⁵ SANTOS apud BRENER, REVISTA DO GLOBO, 1962, p. 26.

¹⁶ BRENER, 1962, p. 26-29.

como sindicalista. Participava ativamente da vida social na cidade de Rio Grande, inclusive fundando clubes e associações negras.¹⁷

Em 1935, escolhido pelo *Sindicato dos Metalúrgicos de Rio Grande*, atua na representação do núcleo junto à Assembleia Legislativa, sendo eleito deputado classista pelo grupo de empregados na indústria, defendendo o salário mínimo. Esse mandato durou até 1937, encerrando com o Estado Novo. Nesse mesmo ano, Carlos Santos (1904-1989) sofreu tentativa de suborno no intuito de que renunciasse ao cargo, beneficiando possíveis interesses de Piozo Rodrigues. Nessa situação, Santos percebeu as nuances do jogo político e, como resultado, redigiu a seguinte carta, exposta aqui em sua parcialidade:

Eu, 31 de agosto de 1937.

400:000\$000

2:500\$000

Emprego por momento federal. Ficando em disponibilidade até o fim do (sic) mandato no Rio, sem precisar renunciar bastando apenas retirar-me da atividade parlamentar. Re-eleição federal para garantir assunto urgente cuja resposta teria de ser dada amanhã. Ministro Trabalho chamaria ao Rio para despistar.

Duas horas de assédio. Entrou as 8 saiu as 10 da noite.

Foi portador da proposta o Dr. Piozo Rodrigues...

Ao final do artigo, será analisado o complemento da carta, já se adiantando o fato de que muito pouco se sabe a respeito da origem desse documento, mas que, no entanto, entende-se perfeitamente o sentimento de repulsa de Carlos Santos. Pois, constantemente citava em seus discursos a honra, o caráter e a perseverança.

No intuito de colaborar com sua comunidade, fundou - no dia 11 de junho de 1936 - o *Centro Cultural Marcilio Dias*, espaço ocupado com biblioteca e salas de aulas para alfabetização, especificamente para a comunidade negra da região. No mesmo período, tornou-se orador oficial do Bloco *Braço é Braço*; bloco que permaneceu durante dez anos. Segundo suas próprias palavras, seu desígnio primava, contudo, que: “não era o carnaval o motivo da minha atividade ali; era um ideal superior e uma aspiração mais nobre que eu deixava transparecer através das minhas palavras: o soerguimento moral e cultural da minha raça”.¹⁸ Era interlocutor da sociedade em que vivia, em especial, das organizações negras, de seu conhecimento. Preconizava, em sua preleção, as alternativas possíveis para o negro progredir. Em 1937, publicou o seu livro de discursos: *Sucata*, prefaciado por Walter Spalding.

¹⁷ GOMES, Arilson dos Santos. *Análise de conteúdo*: o condicionamento das informações sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro realizado em Porto Alegre através dos periódicos Correo do Povo, Folha da Tarde e Revista do Globo. Artigo publicado no site História e História, junho de 2007. p. 31-46. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/indice.cfm?tb=alunos>>. Acesso em: 24 Jun. 2007.

¹⁸ TORRES, Luiz Henrique. *Parlamentares Gaúchos – Carlos Santos, trajetória Biográfica*. Porto Alegre: CORAG, 2004. p. 48.

A instrução, o estudo e a força de vontade foram motivações que delinearão a vida familiar e social de Carlos Santos. Com muitas dificuldades para estudar e se instruir, em 1950, aos 46 anos de idade, formou-se em Direito pela Faculdade de Pelotas da Universidade do RS.¹⁹

Como articulista, foi referência na década de 1950 para a imprensa negra pelotense, principalmente para os organizadores do Jornal *A Alvorada*, motivando os seus leitores a estudarem para melhorar suas condições econômicas e sociais.²⁰

Em 1946, após o Estado Novo, com o retorno das eleições Carlos Santos concorreu ao cargo de deputado estadual pelo PSD, ficando suplente. Em 1959, foi conduzido a deputado estadual pelo PTB, o que se repetiu em 1963, também como substituto. Em 1966, época da ditadura-civil militar, fora eleito pelo MDB. Em 31 de janeiro, elegeu-se por seus pares para o cargo de Presidente do Legislativo, sendo convocado para assumir o governo do Rio Grande do Sul em ocasião da viagem do governador Walter Peracchi Barcellos (1907-1986), da ARENA, à Guanabara.²¹

Na ocasião, muitos jornais porto-alegrenses analisaram com satisfação a elevação de Carlos Santos ao posto máximo do estado, pois, em virtude das disputas acirradas entre correligionários da ARENA e MDB, partidos fundados no contexto de Regime de Exceção, nosso personagem era uma unanimidade, inclusive representando, conforme o noticiado, a conciliação dessas duas facções, mesmo que temporariamente.



Imagem 1- Peracchi e Carlos

Fonte: Jornal Folha da Tarde 08/3/1967. [s.p.].

¹⁹ CLEMENTE; BARBOSA, 1995, p.23-35.

²⁰ SANTOS, 2000, p. 93.

²¹ TORRES, 2004, p. 52.

As linhas do jornal *Correio do Povo*, do dia 9 de março de 1967, continham a seguinte manchete: “Rio Grande vive um clima propício à harmonia”. Mais adiante, a matéria localizada na parte central do periódico confirma as palavras verbalizadas por Carlos Santos ao assumir o cargo de governador interino:

Não é necessário, salientou, que abandonemos os nossos princípios e as nossas legendas para que haja um clima de alto entendimento, e para isso basta que nos respeitemos, agindo em termos altos, em termos idealísticos” (...) ”Disse que o sr. Peracchi Barcelos podia viajar tranqüilo e lutar lá fora em prol do desenvolvimento econômico do estado e da paz social de nossa gente. Frisou que oposição também é governo e tem deveres e compromissos no engrandecimento ou retrocesso da vida pública do Rio Grande, e ele, como representante da oposição, terá satisfação em contribuir para a felicidade do Rio Grande.²²

Walter Peracchi Barcelos, em contrapartida, salientou que era com honra e satisfação que transmitia a chefia de governo a um homem que “tem pautado sua conduta política e sua atuação em padrões de alta dignidade e elevado espírito público”.²³

Ao narrar-se sobre a vida de Carlos Santos, convém demonstrar como suas ações foram benéficas às disputas políticas. Aliás, independente de seu grupo étnico, social e político, Carlos propôs uma sociedade mais justa, em todos os sentidos. Metaforicamente, intitulamos suas ações de “oásis”. Em contrapartida, denominaremos de “desertos”, a intolerância, os preconceitos e adicionaremos outro elemento às agruras dos desertos, por ocasião de nossa proposta narrativa identificada nas *escritas de si* de Carlos: a tentativa de suborno, corrupção. Certamente, acredita-se que são corajosos os que agem nessas condições, pois é a partir dessas dificuldades que se formam “oásis”, e se faz política.²⁴ As informações localizadas na Revista do Globo do dia 4 de agosto de 1962, foram reveladoras para os objetivos deste artigo: “É interessante assinalar que em todos os setores onde Carlos Santos atua, acaba sempre por representar um papel de pomba *branca* da paz: ele é o elemento de ligação entre ideias opostas ou grupos sociais, naqueles setores que dizem respeito ao convívio humano”.²⁵

Mas, ao invés de “pomba branca”, conforme relatou a revista, era um “homem negro” o responsável por formar esses oásis. Carlos Santos, como governador interino, promoveu algumas audiências coletivas, iniciando seu trabalho às 16h30 do dia 9 de março de 1967, como se pode acompanhar nas páginas do impresso *Diário de Notícias* de Porto Alegre. Na ocasião, o político atendeu a mais de vinte pessoas, ouvindo uma série de reivindicações. Eram pedidos de emprego, bolsas de estudo, passagens e ações para fins assistenciais. Na notícia do jornal: “ele deixava claro que sua passagem pelo governo do estado era tão rápida que talvez, não pudesse atender nenhuma solicitação”. Em um dado momento, teria interrompido as deliberações para atender ao conhecido jogador gaúcho “Osmar Fortes Barcelos, o grande craque brasileiro Tesourinha”, ex-jogador dos

²² CORREIO DO POVO, 1967, p.20.

²³ JORNAL FOLHA DA TARDE, 08/03/1967, *sp*.

²⁴ ARENDT, 2006, p.183.

²⁵ REVISTA DO GLOBO, 1962, p. 29.

clubes de futebol Internacional e Grêmio, ambos da cidade de Porto Alegre.²⁶ Santos exerceu o cargo por pouco mais de 24 horas.

No dia 12 de março de 1967, assumiu pela segunda vez a administração do poder executivo gaúcho. Dessa vez, o mandato foi mais longo, cerca de uma semana. Em virtude de problemas de saúde, quase ficou inviável sua nomeação, que ocorreu após decisão individual, mesmo com dificuldades. Na agenda governamental, constavam algumas viagens a localidades do interior, como a Bento Gonçalves, por ocasião da I FENAVINHO.

Carlos Santos permaneceu como presidente da Assembleia Legislativa durante todo o ano de 1967, assumindo o posto de governador nas duas ocasiões supramencionadas. Antes de descortinar a representação que nosso personagem auferia de seus familiares, convém, mesmo que brevemente, enfatizar as repercussões da posse de Carlos Santos como líder do estado sulino - Estado fortemente enraizado em uma construção histórica hegemônica ocorrida a partir das colonizações europeias, alemã e italiana. Como a imprensa porto-alegrense publicizou esses acontecimentos nos idos de 1967?

Repercussão na mídia impressa da posse de Carlos Santos como presidente da Assembleia e Governador

Demonstraremos, em uma breve análise de conteúdo, como os artigos jornalísticos divulgaram os sucessos políticos obtidos por Carlos Santos em 1967. Por meio dos jornais *Correio do Povo*, *Zero-Hora* e *Jornal do Brasil*, pode-se analisar que ambos os feitos tiveram repercussões, já que se tratavam da posse do Presidente da Assembleia ao governo gaúcho. Feitos de um homem, que orgulhosamente assumiu sua negritude em um Estado, conforme citado anteriormente, fortemente construído pelas tradições europeias.²⁷

Tabela 1: Títulos noticiados sobre Carlos Santos

Periódico	Data	Título	Motivo
Correio do Povo	5 de fevereiro de 1967	Uma grande vitória	Posse à Assembleia
Jornal do Brasil	17 de fevereiro de 1967	Carlos Santos venceu os preconceitos e agora preside a Assembléia Gaúcha	Posse à Assembleia
Zero Hora	9 de março de 1967	Informe Especial	Posse ao Governo do estado

Fontes: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, dia 17/2/1967, Jornal Correio do Povo, dia 5/2/1967, Jornal Zero Hora, Porto Alegre, dia 9/3/1967.

²⁶ JORNAL DIÁRIO DE NOTICÍAS, 1967, 09/03/1967, *sp*.

²⁷ Na apresentação do livro de Elvo Clemente, José Luiz Pereira da Costa, secretário e amigo de Carlos Santos escreveu: “instigante, sem dúvida, o nosso Rio Grande do Sul, é, dentre os estados brasileiros, o de maior presença européia em sua formação populacional. Amigos africanos, visitando o Brasil, definiam, nitidamente, dois países: o africano no Nordeste: O europeu no Sul. CLEMENTE, 1995, p.05-06.

Para Kientz, o caráter surpreendente faz do evento uma notícia.²⁸ Na proposta, deve-se perguntar: qual a percepção original do jornalista/articulista nesse acontecimento? Notou-se que, basicamente, todos os jornais mencionados divulgaram como algo inédito na história deste Estado os êxitos obtidos por Carlos Santos, superando, principalmente, as dificuldades cotidianas de pertencer a um grupo ainda estigmatizado socialmente. No entanto, as vitórias de Carlos Santos foram animadoras em muitos âmbitos, evidenciadas nas reflexões subsequentes.

O jornal *Correio do Povo*, em um artigo assinado pelo político Coelho de Souza, relatou que a presidência da Assembleia por Carlos Santos significou uma grande vitória política e racial, pois, ocorreu acima dos partidarismos. Algo que serviria para demonstrar ao mundo a inteligência brasileira, diferentemente da mancha racista que atingia os Estados Unidos e o regime de segregação da “União-Sul-Africana”.

Para Coelho de Souza,

Existe ainda um aspecto do episódio, que lhe dá maior relevo: a maioria da bancada a que pertence aquele concidadão é composta de brasileiros de origem não lusa e nenhum deixou de dar o seu voto ao brasileiro de ascendência africana - o que evidencia a comunhão nacional, a integração geral do espírito de uma nação que há de resultar da fusão dos contingentes de muitos povos [...].²⁹

Nas linhas do *Jornal do Brasil*, segundo periódico que consultamos, o autor Abdias Silva, sem citar os partidos políticos como Coelho de Souza, mas enfatizando as questões raciais, iniciou da seguinte maneira sua matéria: “Esta é uma história de um negrinho, aprendiz de caldeireiro, que hoje, sobre a sua autoridade, só vê a autoridade do governador Peracchi Barcelos [...] trata-se do Deputado Carlos Santos, um negro alto, que acaba de ser eleito presidente da Assembléia”.³⁰

No decorrer da notícia, Silva destacou os seguintes tópicos da trajetória do político:

- a) sua liderança sindical;
- b) a origem e os problemas com as questões raciais;
- c) a política e a força ;
- d) a forma como Santos entrou na política após salvar uma menina enferma.

No terceiro impresso, na coluna informe especial de *Zero Hora*, redigido por Sérgio Jockyman, tem-se a nítida percepção da efusiva manifestação do autor. Conforme Jockyman: “Carlos Santos tomou posse como governador, há de haver em gentes estrangeiras, muito respeito por esse estado, que foi o primeiro a dar a um negro o direito de governar homens brancos”.³¹

Os articuladores Coelho de Souza, Abdias Silva e Sérgio Jockyman refletiram, em seus artigos, o que representou a posse de Carlos Santos como presidente do legislativo e chefe do

²⁸ Kientz (1973, p.70)

²⁹ (SOUZA, CORREIO DO POVO, ESPECIAL, 1967, sd.

³⁰ SILVA, Abdias. JORNAL DO BRASIL, 17/02/1967: sp

³¹ JOCKYMAN, Sérgio. ZERO HORA, 09/03/1967, sp

executivo gaúcho. Entretanto, a questão racial esteve presente nas três matérias, demonstrando que, apesar da abolição ter ocorrido nessa época, há quase 80 anos, ainda era surpreendente nos anos 1960 que um negro chegasse ao poder.

Família e política: os desafios da vida cotidiana e privada à vida pública

Para Orlandi, no momento em que o sujeito diz o que diz, ele se assume como autor. Seus sentimentos, seus desígnios, suas expectativas, sua determinação. O sujeito é determinado pela exterioridade, pela formulação discursiva, passível de contradições.³²

Em sua formulação discursiva, Carlos citou regularmente sua família. Em entrevista a Léa Brenner, intitulada *Uma personalidade em foco*, Carlos Santos explicou que: “tinha planos de abandonar a política e dedicar-se à família, sempre relegada a segundo plano”.³³



Imagem 2- Carlos Santos ao centro e sua família

Fonte: Correio do Povo, 12/02/1967, p.23.

Na realidade, compreende-se que Carlos jamais deixara sua família de lado, inclusive, segundo sua filha - Neiva Santos - ele adorava a sala cheia e as festas natalinas. Porém, evidenciou-se que queria mais tempo com os seus. Em entrevista concedida no dia 9 de dezembro de 2010, coincidentemente data de seu 106º aniversário, notou-se o quanto Carlos Santos foi presente. Nas palavras de Neiva Santos: “O papai sempre gostava de ver a casa cheia, nos dava atenção e era muito calmo, ele ensinou a sermos unidos”.³⁴

Em informações obtidas no livro *Parlamentares Gaúchos, Trajetória Biográfica de Carlos Santos*, produzido por ocasião do centenário de seu nascimento, entendeu-se que, para o político, as palavras *família*, *sociedade* e *política* eram temas vinculados. Segundo ele, “o motivo da atividade naqueles clubes eram ideais superiores: o soerguimento moral e cultural da raça, da sociedade como um todo e, conseqüentemente, da minha família”.³⁵

³² Orlandi (2001, p.13)

³³ BRENER. *Revista do Globo*, n. 826, agosto de 1962. p.26-29. p.29.

³⁴ SANTOS, Neiva. Entrevista, 2010.

³⁵ TORRES, 2004, p.48.

Em família, ele motivava constantemente os seus, como explicou a filha: “Ele sempre aconselhava a estudar e a lutar, sempre recomendava que o negro devia ascender pelo estudo. Lutar para se igualar”.³⁶ Carlos Santos destacou, com satisfação, o fato de que todos os seus filhos ingressaram no serviço público por intermédio de concurso, por mérito, sem conchavos políticos.³⁷

A professora Adriane Santos, sua neta, relatou-nos que, na família, existem diversos profissionais - formados advogados, engenheiros e professores - e que Patrícia Santos da Silva, sua sobrinha e afilhada, estava concluindo o curso de medicina.

Retornando à *escrita de si* encontrada na residência de sua filha e neta, ou melhor, descortinando o final de seu conteúdo, observou-se mais uma vez a considerável e inestimável consideração que Carlos Santos dispensava a sua estrutura familiar, já que seu exemplo de vida e conduta iniciava antes de tudo em seu imo familiar. Na segunda parte do manuscrito, temos a seguinte grafia:

... E no drama agitado da minha vida parlamentar inclui mais este ato, em que a minha dignidade de negro e de operário venceu a monção de ouro e de comodismo.
Sirva isto de exemplo àqueles que são o prolongamento da família. [grifo nosso].

Mil graças a Deus. Negro e pobre porem honrado e junto de dignidade.
Porto Alegre, 31/08/1937 às 10,45 da noite.

Carlos Santos

Nessa passagem da carta, na qual escreveu: “Sirva isto de exemplo àqueles que são o prolongamento da família...” temos a síntese de nossa proposta. Interpretando, nesta assertiva, a referência ao seu grupo familiar e social.

No artigo intitulado *O deputado Carlos Santos*, publicado no *Jornal Zero-Hora* de Porto Alegre, no dia 15 de maio de 1989, duas semanas após seu falecimento - o autor Paulo Brossard (na época, ministro do Superior Tribunal Federal - STF), inicia sua escrita com a seguinte citação: “A honra é o tema de minha história, Shakespeare, Júlio César”. No texto, o autor relatou que, após dez anos da tentativa do suborno citado, o próprio Carlos Santos confessou a Brossard o ocorrido. Ambos foram colegas por duas ocasiões, entre 1954 e 1962, como deputados na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Brossard, em uma das passagens da escrita diz:

[...] o preto Carlos Santos, que nesse tempo não tinha anel no dedo e era de família modesta, ouviu a proposta (de suborno) em silêncio, e como passaram pela sala dois ou três filhos pequenos disse ao proponente, “doutor, o que deixarei para esses negrinhos, se eu aceitar a sua proposta uma vez que a honra é todo o meu patrimônio?” O proponente engoliu em seco e teve que baixar os olhos. Ferido no seu pundonor, acrescentou Carlos Santos: “depois de 13 de maio negro não se vende mais no Brasil, doutor”.³⁸

³⁶ SANTOS, Neiva, 2008.

³⁷ CORREIO DO POVO, 12/02/1967, p.23.

³⁸ BROSSARD, Paulo. Deputado Carlos Santos. *Zero Hora*, Porto Alegre, 15 de maio de 1989, p. 4.

O autor concluiu, ao final de seu artigo, que “Carlos Santos deixou um grande patrimônio a inventariar: o patrimônio imaterial de sua honradez”.

Considerações finais

Carlos Santos representa uma fonte inesgotável de situações, informações e exemplos, que surpreendem a cada investida, a qual os historiadores propõem-se a investigar com curiosidade. A cada nuance e aprofundamentos, por intermédio das leituras e da análise da vasta documentação produzida por sua trajetória (tais como fontes impressas, orais, imagéticas, entre outras), percebe-se a enorme contribuição desse sujeito para a história e para a sociedade em geral. Expressões como *família, caráter, honestidade, palavras de afeto, solução de conflitos, harmonia* e tantas outras são brevidades diante dos termos que se pode auferir da sua escrita e da sua personalidade - certamente, influenciadas por sua fé cristã. Dificuldades existiram em sua vida, mas, independentemente disso, ao ser questionado em uma entrevista “se sofrera preconceito racial” suas respostas foram as seguintes: “quando algo de bom me acontece agradeço ao Senhor, e quando ocorre alguma coisa de ruim, ainda assim me lembro de Deus, pois sempre poderia ser pior”.³⁹ Identificou-se, neste trabalho, um ser humano ávido por formar oásis, fazer a boa política, ensinar o bem. Perguntado, certa vez, sobre sua concepção de vida, respondeu: Acho que é tão nobre a gente poder ser útil aos outros, que sempre agradeço a oportunidade proporcionada. Sou eu quem agradeço, pois, afinal de contas, presto um serviço a mim mesmo [...] contribuindo para que alguém tenha alegria de viver”.⁴⁰

A política é fundamental para a preservação do Estado Democrático de Direito. Assim, deve-se primar pela boa política ao invés de generalizar a classe política e os políticos de forma negativa, como um todo. Isso começa pela cidadania exercida em nosso dia a dia, atributo indispensável de nossa convivência, quando cobramos boas atitudes e demonstramos bons exemplos de conduta. Carlos Santos era um ser humano passível de erros e acertos - como todos nós - porém, sua contribuição deve ser lembrada e laureada, para que seus referenciais políticos, tais como os já citados neste trabalho, sejam visibilizados na história e preservados em nossa memória.

Referências

Impressos Jornalísticos

Jornal do Comércio, Porto Alegre, dia 9/3/1967.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, dia 17/2/1967.

Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, dia 12/2/1967.

Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, dia 12/3/1967.

³⁹ SANTOS *apud* SILVA, CORREIO DO POVO, 1967, p.13.

⁴⁰ SANTOS *apud* BRENNER Revista do Globo número 826, agosto de 1962. p.29.

Jornal Correio do Povo, dia 5/2/1967.

Jornal Correio do Povo, dia 9/3/1967.

Jornal Diário de Notícias, dia 9/3/1967.

Jornal Folha da Tarde, dia 8/3/1967.

Jornal Zero Hora, Porto Alegre, dia 9/3/1967.

Jornal Zero Hora, Porto Alegre, dia 15/5/1989.

Revista do Globo número 826, agosto de 1962, p.26-29.

Manuscritas

Correspondências localizadas no acervo privado da Sra. Neiva Santos e de Adriane Santos, filha e neta de Carlos Santos, em Porto Alegre/ RS dia 9 de dezembro de 2010.

Entrevistas

SANTOS, Neiva. Realizada no dia 26 de outubro de 2007. Entrevistador: Arilson dos Santos Gomes. Porto Alegre: residência.

SANTOS, Neiva e SANTOS, Adriane. Realizada no dia 09 de dezembro de 2010. Entrevistador: Arilson dos Santos Gomes. Porto Alegre: residência.

Arquivos Pesquisados

Arquivo Particular do Sr. José Domingos Alves da Silveira, colecionador de periódicos.

Biblioteca da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

Centro de Pesquisas Correio do Povo.

Memorial da Assembleia Legislativa.

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *O que é política?* Fragmentos das obras Póstumas Compilados por Ursula Ludz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BAKOS, Margareth Marchiori. Julio de Castilhos e a campanha abolicionista. *Julio de Castilhos e o paradoxo republicano*. Porto Alegre: Nova Prova, 2005. p. 217-228.

BRENER. *Revista do Globo*, n. 826, agosto de 1962. p.26-29.

BROSSARD, Paulo. Deputado Carlos Santos. *Zero Hora*, Porto Alegre, 15 de maio de 1989, p. 4.

CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. *Carlos Santos, uma biografia*. Porto Alegre: PUCRS, 1995.

GOMES, Ângela de Castro (Org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Arilson dos Santos. *A formação de oásis: dos movimentos fretenegrinos ao Primeiro Congresso Nacional do Negro em Porto Alegre - RS (1931-1958)*. Mestrado em História. PPGH-PUCRS, Porto Alegre, 2008.

GOMES, Arilson dos Santos. Laços de família, laços em sociedade: Carlos Santos e a questão negra. *Escritas íntimas, Tempos e Lugares de Memória: a documentação pessoal como fonte para a história*. Porto Alegre: Palier Artes Gráficas, 2007. p.31-46.

GOMES, Arilson dos Santos. *Prelúdios de um encontro histórico envolto a discursos: o dia em que o político negro cortejou o mestre salas dos mares (1959)*. RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 283-300.

GOMES, Arilson dos Santos. *Análise de conteúdo: o condicionamento das informações sobre o Primeiro Congresso Nacional do Negro Brasileiro realizado em Porto Alegre através dos periódicos Correio do Povo, Folha da Tarde e Revista do Globo*. Artigo publicado no site História e História, junho de 2007. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/indice.cfm?tb=alunos>>. Acesso em: 24 Jun. 2007.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995.

KIENTZ, Albert. *Comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. VALANDRO; VARGAS; SANTOS. Percursos biográficos de um burocrata devoto: Aurélio Viríssimo de Bittencourt (1849/1919). *Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – Política e poder nos primeiros anos da República*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. V. 19.

ORLANDI, Eni. *Discurso e Texto*. Ed. Pontes: São Paulo, 2001.

RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. Castilhismo uma filosofia da República – atualidade de doutrina de Julio de Castilhos, no centenário da sua morte. *Julio de Castilhos e o paradoxo republicano*. Porto Alegre: Nova Prova, 2005. p. 31-46.

SANTOS, Carlos. *Sucata*. Porto Alegre, Editora do Globo, 1937.

SANTOS, José Antônio dos. *Raiou “A Alvorada”*: Intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957). 195 f. Dissertação, 2000, UFF.

SANTOS, José Antônio dos. Eminência duplamente parda: o curriculum vitae de Dario de Bittencourt. *Escritas íntimas, Tempos e Lugares de Memória*: a documentação pessoal como fonte para a história. Porto Alegre: Palier Artes Gráficas, 2007. p.59-70.

TORRES, Luiz Henrique. *Parlamentares Gaúchos – Carlos Santos, trajetória Biográfica*. Porto Alegre: CORAG, 2004.